



## **Os quintais produtivos e as mulheres: espaços de construção de autonomia e transição agroecológica**

SANTOS, Graciete <sup>1</sup>; SILVA, Tatiane<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Casa da Mulher do Nordeste, gracietecmn@hotmail.com; <sup>2</sup> tatifs84@hotmail.com

### **Eixo Temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia**

**Resumo:** Este trabalho apresenta elementos para o aprofundamento da análise das experiências de quintais produtivos geridos por mulheres no âmbito da agricultura camponesa a partir de uma perspectiva feminista de gênero. Parte da sistematização de experiências de quatro agricultoras do Sertão do Pajéu em Pernambuco e de fontes de outras pesquisas nesse campo. O objetivo é analisar os processos de autonomia das mulheres, a superação das desigualdades de gênero, no âmbito da família na realidade brasileira, e a transição agroecológica. Parte da premissa que existe uma divisão sexual do trabalho no âmbito da produção agroecológica, base material das desiguais relações de gênero, que desvaloriza e invisibiliza o trabalho das mulheres. As experiências sistematizadas das quatro agricultoras, indicam avanços na construção de suas autonomias e nas práticas agroecológicas em transição. Destaca a auto-organização das mulheres como estratégia fundamental para a superação das desigualdades de gênero nesse contexto. Recomenda o aprofundamento de estudos nesse campo que reconheça as mulheres como sujeitos da transição agroecológica comprometida com a igualdade entre homens e mulheres.

**Palavras-chaves:** Quintais; autonomia das mulheres; agricultura familiar; agroecologia.

### **Contexto**

A experiência revela a história de quatro agricultoras moradoras nos municípios São José do Egito, Afogados da Ingazeira e Flores do sertão do Pajéu em Pernambuco, a partir de suas práticas agroecológicas em seus quintais, acompanhadas pela organização Casa da Mulher do Nordeste. O período escolhido para sistematização foi de 2004 a 2011. A ênfase é na perspectiva feminista que valoriza as mulheres como sujeitos de suas vidas, produtoras de conhecimentos em suas práticas agroecológicas. Parte da análise crítica à divisão sexual do trabalho, que determina as mulheres ao espaço reprodutivo da casa, e aos homens o espaço produtivo da rua. Essa visão dicotômica separa e hierarquiza o trabalho, construindo relações desiguais, que desvaloriza e invisibiliza o trabalho desenvolvido pelas mulheres, reproduzido no modo de organização social e produtivo da agricultura familiar. Como analisa Kergoat (2009) essa lógica dicotômica gera uma hierarquia de valores e poder onde trabalho de homem vale mais que trabalho de mulher.

O foco foi visibilizar as experiências das mulheres nos quintais produtivos como espaços de construção de autonomia e transição agroecológica, a partir de três objetivos construídos para a sistematização: 1) Dar visibilidade e valorizar o trabalho realizado pelas mulheres nos quintais produtivos; 2) Contribuir para a análise da



divisão sexual do trabalho na agricultura familiar; 3) Evidenciar os quintais produtivos como espaço de geração de renda e transição agroecológica

Uma das questões comuns identificadas foi à dificuldade enfrentada nas relações familiares com seus maridos e filhos. Para as quatro mulheres o mais difícil foi conseguir o respeito e o apoio da família e, sobretudo, dos maridos. Várias enfrentaram a opressão e a solidão no desenvolvimento do seu trabalho em seus quintais e na casa.

A sobrecarga de trabalho das mulheres tendo que assumir sozinhas o trabalho reprodutivo, cuidado da casa e dos filhos (as), o trabalho solitário nos seus quintais e os conflitos vividos com os maridos no que se refere a falta de autonomia para decidirem suas vidas, foram questões levantadas por todas as quatro experiências. Na visão das mulheres, essa situação é causada pela cultura machista existente na sociedade.

A partir de um exercício coletivo, analisamos a divisão sexual do trabalho a partir da identificação das tarefas realizadas pelas mulheres e pelos seus maridos e familiares. Ficou explícito que as mulheres são as responsáveis pelas tarefas de casa e pela produção de seus quintais. Os maridos e filhos ajudam eventualmente, ou seja, a carga da responsabilidade é das mulheres.

As mulheres iniciam suas tarefas muito cedo às 4 horas da manhã e só vão dormir tarde da noite quando deixam tudo pronto. As tarefas são muitas, variadas e pesadas, pois muitas delas exigem força física. A rotina diária dessas mulheres é composta por múltiplas tarefas, entre as quais destacam:

1. Varrer o quintal.
2. Preparar o café e o almoço.
3. Lavar a roupa e a louça.
4. Molhar as plantas.
5. Dar alimento para os bichos.
6. Colher as frutas e hortaliças para autoconsumo e para levar para feira.
7. Organizar os produtos para levar para feira.
8. Ir para feira comercializar os produtos
9. Beneficiar os produtos: doces, geleias, queijo, misturas e temperos.
10. Participar da reunião de seus grupos nas suas comunidades, nas reuniões da Rede de Produtoras do Pajéu, dos sindicatos, da Casa da Mulher do Nordeste e fóruns.



## Descrição da Experiência

A metodologia utilizada foi a *sistematização de experiências*, fundamentada em uma posição político pedagógica inspirada nos métodos e técnicas da pesquisa qualitativa e participativa.

Entendemos aqui por *sistematização de experiências* o procedimento metodológico de reflexão e análise da realidade a partir de experiências vivenciadas pelas próprias pessoas, ou seja, os sujeitos da experiência estudada, resgatando sua história, seus problemas e desafios, visando às mudanças necessárias na intervenção de suas realidades.

Essa opção metodológica dialoga com correntes teóricas do campo da educação popular a exemplo do pensamento de Paulo Freire que concebe a educação como prática social e política, como reflexão crítica da realidade constituindo sujeitos autônomos transformadores da sua própria história.

Na sistematização da experiência de mulheres com quintais produtivos, demos voz aos sujeitos da experiência sistematizada, quatro mulheres agricultoras, que resgataram suas histórias como mulheres e como agricultoras, refletiram sobre suas experiências e problematizaram suas realidades nas diversas dimensões da vida: individual, coletiva, familiar, social, política, afetiva e econômica. Foi através de oficinas, reuniões e vistas à realidade que as agricultoras socializaram as dificuldades enfrentadas na vida cotidiana, passaram de problemas pessoais, para a construção de um problema político e sociológico. O processo de sistematização das experiências pôde explicitar os conflitos e contradições existentes nessas relações, como a invisibilidade do trabalho realizado pelas mulheres e as relações de poder existentes no interior da família.

As mais velhas e experientes são hoje agricultoras experimentadoras. Neste processo adquirem e produzem conhecimento os que são repassados aos membros da família, vizinhança, dentre outros. As agricultoras a que nos referimos em seus quintais recebem muitas visitas e intercâmbios. Seus quintais produzem mais de 100 espécies de plantas, em sistemas agroecológicos e de agrofloresta. Cultivam em pequeno espaço de terra plantas medicinais para uso da família e da vizinhança, plantas nativas da Caatinga, para forragem e para lenha, frutíferas para consumo da família, para comercializar nas feiras agroecológicas da região e venda para o PAA/Programa de Aquisição de Alimento, as hortaliças para consumo e comercialização nas feiras locais e PAA, além de diferentes tipos de capim para ração animal e as plantas ornamentais sempre presentes nos quintais das mulheres.

*“Tudo começou com as reuniões com a CMN sobre agrofloresta, a partir daí foi implantado um sistema com várias plantas. Foi feito um planejamento, para saber o que plantar, como plantar, diversificar a área com várias espécies de*



*plantas. Depois iniciou a implantação de hortaliças com a presença da técnica semanalmente. Após o processo de implantação, as visitas eram de quinze em quinze dias,”* ressalta Terezinha.

Silvia relata que foi a partir de um processo de formação com a CMN que ela despertou para pensar sua autonomia econômica. “*Em 2009, a Casa da Mulher do Nordeste fez um convite para eu participar da Escola Feminista, como Agente de Desenvolvimento Sustentável (ADS).*”

## **Resultados**

As experiências sistematizadas das quatro agricultoras, indicam avanços na construção de suas autonomias nas dimensões econômica e política. Seja no acesso à renda através da venda da produção nas feiras locais e para PAA, como no auto consumo da sua produção para família contribuindo para a segurança alimentar e nutricional. Na dimensão política a partir do fortalecimento da auto estima e reconhecimento delas como sujeitos produtivos e políticos, da auto organização, para o enfrentamento dos conflitos na família, na comunidade e nos espaços políticos.

Outro aspecto importante identificado por elas foi o avanço na transição agroecológica, compreendida aqui como um processo complexo e amplo envolvendo diferentes níveis de abrangência e múltiplos fatores sociais, culturais, políticos e ambientais, segundo Claudia Schmitt(2009).

Concluimos que a assessoria técnica, no apoio à infraestrutura dos quintais sobretudo no acesso à água para produção, na formação feminista e na auto-organização no território, foram estratégias fundamentais para a superação das desigualdades de gênero nesse contexto. Reconhecemos que essas experiências contribuíram em muito para problematizar e valorizar o trabalho das mulheres nas práticas agroecológicas, subsidiando discussões e estudos nesse campo junto ao movimento feminista com destaque para o GT Mulheres da Ana, que hoje amplia o debate e estudos sobre os quintais, reconhecendo como espaços produtivos das mulheres, e de grande contribuição para sócio agrobiodiversidade. A experiência das cadernetas agroecológicas, metodologia construída pelo GT mulheres da Ana, tem visibilizado o trabalho das mulheres em seus quintais e em todo agroecosistema e contribuído para afirmar a economia feminista.

As experiências aqui sistematizadas, afirmam que os quintais são espaços estratégicos para construção da autonomia das mulheres, mas é preciso garantir o direito delas estarem em todos os espaços, o acesso aos recursos e tecnologias, a ocupação nos espaços de poder na família e nas políticas públicas. É preciso aprofundar os estudos sobre a transição agroecológica e a contribuição da dimensão feminista na agroecologia. Afirmamos que sem feminismo não há agroecologia!

**XI CBA**  
**Congresso**  
**Brasileiro de**  
**Agroecologia**  
Ecologia de Saberes:  
Ciência, Cultura e Arte nos  
Deslocamentos e nos  
Sistemas Agroalimentares



## Referências bibliográficas

KERGOAT Danielle. **Dicionário Crítico do Feminismo**, por Helena Hirata Françoise Laborie, Hélène Le Doaré, Danièle Senotier (Orgs). São Paulo: Editora UNESP, 2009.

SANTOS, Graciete Gonçalves. **As mulheres e os quintais produtivos: espaços de autonomia e transição agroecológica. (Sistematização de Experiências)**. Curso de Especialização sobre Convivência com o Semiárido na perspectiva da Segurança Alimentar e da Agroecologia. Recife - UFRPE, 2012.

SCHMITT, Claudia. **Transição Agroecológica e Desenvolvimento Rural: um olhar a partir da experiência brasileira**. In Agroecologia e os Desafios da Transição Agroecológica. Sergio Sauer e Moisés Villamil Balestro (orgs.). Editora Expressão Popular. São Paulo, 2009.